

# O esconderijo do rei do cangaço

FÁTIMA BELTRÃO

**PAULO AFONSO (BA)** — Alcançar o Raso da Catarina — única reserva ecológica totalmente seca do país — é como participar de uma aventura do tipo “Indiana Jones”. São mais de 80 quilômetros quadrados de vegetação típica da caatinga nordestina. Chegar ao Raso da Catarina é uma aventura para poucos. A estrada é de areia e o trajeto, cerca de 40 quilômetros, só

pode ser feito em carros com tração nas quatro rodas. Para atravessar esse percurso, gasta-se mais de quatro horas, quando o carro não atola na areia e só sai puxado por um trator. A contratação de um guia é fundamental para se ter a certeza de poder voltar do labirinto.

Vista de cima, a paisagem cinza da caatinga lembra um deserto sem vida. Mas no meio do **canyon** formado por rochas areníticas e por um céu azul sem nuvens, surgem

bandos de ararinhas verdes florindo a paisagem rude. O Raso já abrigou ninhos de ararinhas azuis, uma espécie extinta.

Existem pelo menos três entradas diferentes para o labirinto de arbustos, que abriga, além da vegetação da caatinga, espécies silvestres que podem estar em extinção. As entradas são feitas pelos povoados do Juá, Salgado do Melão e Brejo do Burgo. Os nativos contam que Lampião se escondia com o bando no

Raso da Catarina por que ali a polícia não entrava. O “rei do cangaço” afirmava que os policiais tinham receio de se perder e de morrer de fome ou de sede. O cangaceiro guardava água embaixo dos mandacarus ou enterrava na areia. Ficavam escondidos por mais de dez dias, até a polícia desistir da procura.

Neste povoado, moram tribos de índios Panharare e Pataxo. E é possível contratar guias nos povoados, exímios conhecedores da região.

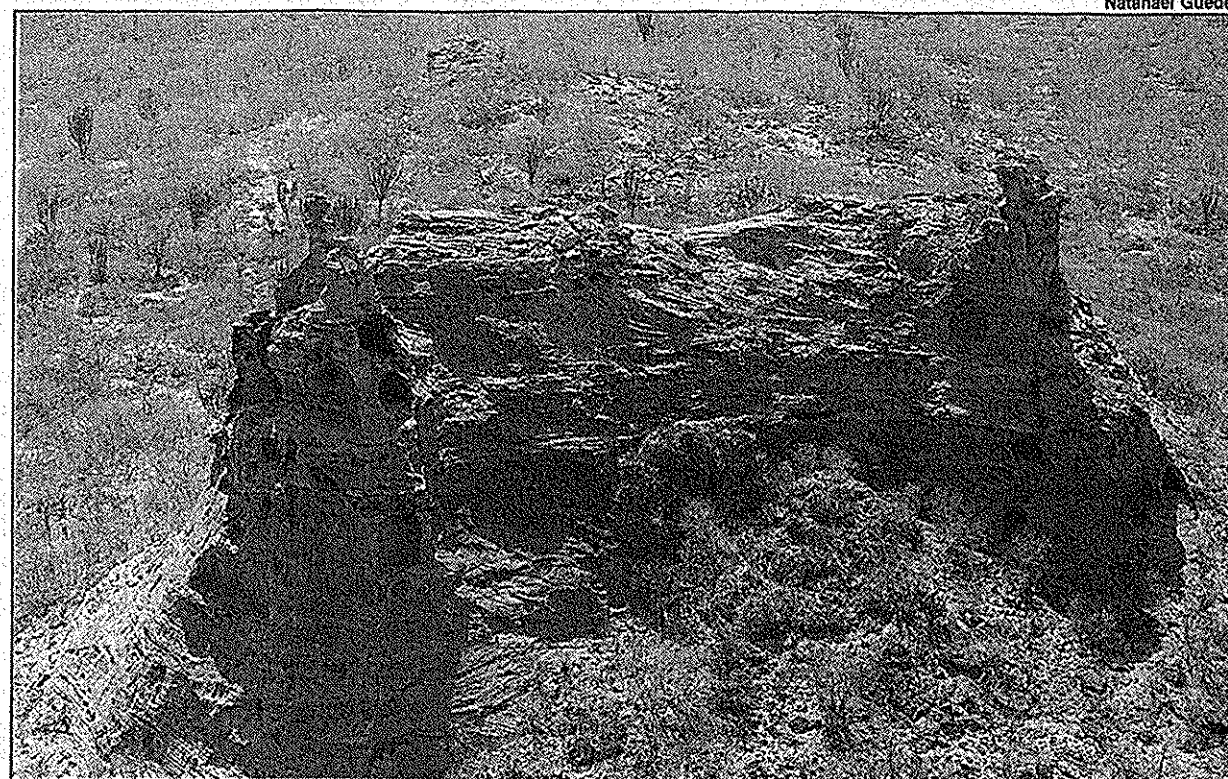
O índio da tribo dos Pinharare, João Fagundes, mora isolado com a família na Baixa do Chico, uma das entradas para o Raso. O povoado indígena mais próximo fica a 40 quilômetros ou mais de quatro horas no lombo de um animal. Ele mora numa casa de taipa (ripas de madeira entrelaçadas com barro), sem água, energia elétrica e vizinhos.

Ele conta que, quando era jovem, caçava junto com o pai nos labirintos do Raso.

— Moro aqui há 50 anos e já corri muito atrás de veados e de onças. Não caço mais porque estou doente das pernas — diz o índio que tem agora 62 anos de idade.

O índio conta que a Baixa do Chico marca o começo do Raso da Catarina. Coroas de frade, xiques-xiques e mandacarus espinheiros são algumas das espécies encontradas na região, que formam imensos labirintos de areia e arbustos.

Natanael Guedes



Paisagens do Velho Oeste no Raso da Catarina, a única reserva ecológica totalmente seca do país

## Ibama e Funai autorizam a visitação

**PAULO AFONSO (BA)** — Como a maioria das reservas ecológicas do país, é preciso uma autorização do Ibama para o visitante conseguir entrar no Raso da Catarina. Além do Ibama, o visitante deve ter também a permissão da Funai. As duas instituições têm escritórios em Paulo Afonso, mas a autorização não é imediata. Podem ser feitos pedidos através do endereço: Avenida Getúlio Vargas 181.

A caça é proibida no Raso da Catarina e para conhecer de perto os animais é necessário também procurar um carro com tração nas quatro rodas. Na viagem, o visitante deve levar água mineral e sanduíches, já que não existe água num raio de 80 quilômetros e, dependendo da época do ano, a temperatura pode chegar aos 40 graus.

A Prefeitura de Paulo Afonso costuma prestar serviço aos vi-

sitantes. A contratação de um guia pode ser feita numa das entradas para o Raso, onde existem povoados indígenas. O preço, tanto para o carro como para o guia, é acertado na hora.

Grupos ecológicos discutem com a Funai e o Ibama a criação de uma estrutura turística no local. A idéia é explorar o potencial turístico do Raso, criando uma alternativa de renda para os índios e habitantes.

Fonte	05/0000
Data	9/11/95 Pg. 18
Class.	COR00041
DOCUMENTAÇÃO	